

Periodicidade: Diária

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 80000

Temática: Política

Dimensão: 268

Imagem: S/Cor

Página (s): 12

COM VISTA PARA O ATLÂNTICO

O que é que se passa com o socialismo? (II)

Embora a crise socialista tenha uma raiz filosófica, ideológica e programática, as lideranças nacionais têm contribuído de forma drástica para afundar ainda mais o barco



Carlos Carreiras

O mundo das ideologias está em crise. Mas a doença é particularmente grave no socialismo. Por todo o lado – como mais uma vez se provará já esta semana com as eleições na Alemanha –, os partidos da família socialista europeia estão à deriva. O socialismo não tem propostas alternativas nem tem um projecto credível para apresentar a um eleitorado que, apesar de esgotado e massacrado pela austeridade, continua a não confiar nas propostas da esquerda. E porquê? Porque a esquerda ainda não desatou o nó da sua crise existencialista: a terceira via está morta, mas os socialistas fogem a sete pés da segunda e não sabem onde está a quarta. Como expliquei no texto da semana passada, o naufrágio socialista tem consequências perigosas para a democracia e para todo o sistema político. Embora a crise socialista tenha uma raiz filosófica, ideológica e programática, as lideranças nacionais têm contribuído de forma drástica para afundar ainda mais o barco.

Podia falar de Hollande em França e de muitos outros fiascos socialistas na Europa. Mas nem é preciso sair de casa para encontrar um exemplar desta nova vaga de socialistas que lideram pelo vazio, pela plas-

ticidade e pela notória dificuldade em compreender os princípios do sentido de Estado. António José Seguro, por exemplo. Deputado experiente (desde 1991 só não se sentou na Assembleia da República entre 2000 e 2002), fez parte das maiorias socialistas (Guterres e Sócrates) que conduziram o país ao pedido de resgate internacional. Alguém lhe viu um voto de desacordo com o rumo que o país levava? Lá bem no fim da bancada socialista, colado às galerias na fila parlamentar mais camuflada, Seguro sempre se escondeu das suas responsabilidades. Ou talvez tenha preferido fingir-se de morto, acautelando o futuro onde se via como líder do PS. Talvez tenha sido por aqui, porque a verdade é que o secretário-geral Seguro é muito parecido com o deputado Seguro: primeiro o partido, só depois o país. É este tipo de comportamento que explica que o líder do maior partido da oposição tenha cometido o enorme erro estratégico de defender eleições antecipadas quando o país mais precisava de ouvir as suas propostas. Seguro apostou todas as fichas em eleições para consolidar o seu poder. Ao seu lado, os candidatos autárquicos, escolhidos em função da utilidade ao líder do partido (e não aos eleitores) e de acordo com princípios de maximização do poder interno, alinharam pelo mesmo discurso, sem se preocuparem em garantir projectos e ideias para o seu verdadeiro eleitorado. Perderam todos. Agora é sobreviver no meio da campanha eleitoral mais pobre de que há memória. Mas nem isso parece simples, uma vez que as eleições autárquicas prometem ser muito duras para o PS. No início da história, Soa-

res esperava uma vitória esmagadora. Mais tarde, e porque a vida lhe começava a correr mal, Seguro ensaiou a tese da “vitória com só mais um voto”. A teoria, como todos sabemos, é pobre. A semana e meia das eleições, os senadores socialistas agitam-se. Carlos César e Vítor Ramalho já fixaram objectivos claros, “ter mais câmaras”, e Augusto Santos Silva foi ainda mais longe ao reabrir a questão da liderança do partido caso Seguro falhe uma vitória nacional. Repare-se como, ao longo dos últimos meses, o PS tem ido de vitória em vitória até aquilo que já os opositores de Seguro projectam como a derrota final.

Até concordo com Seguro quando nos diz que o que está em causa nestas eleições não é a sua liderança (embora ele seja responsável por escolhas muito duvidosas). Mas nem isso é coerente com o que já disse anteriormente, apelando a que os portugueses julgassem Passos Coelho e o governo.

Depois de dia 29, Seguro ficará refém dos vários PS's que vão ganhar as eleições. Isso vai enfraquecer e, em consequência, radicalizar ainda mais a liderança do PS. Para mal de Portugal, temo que o consenso fique inviabilizado de forma permanente. Ao contrário do que pensam algumas sensibilidades do meu partido, que vê em Seguro um seguro do governo, eu acredito que Portugal precisa de um líder de oposição forte para ter um governo forte. Na minha vida política, sempre gostei de oposições fortes. Temo não existir nenhuma, nem nacional nem localmente.

Presidente da Câmara Municipal de Cascais
Escrive à quarta-feira